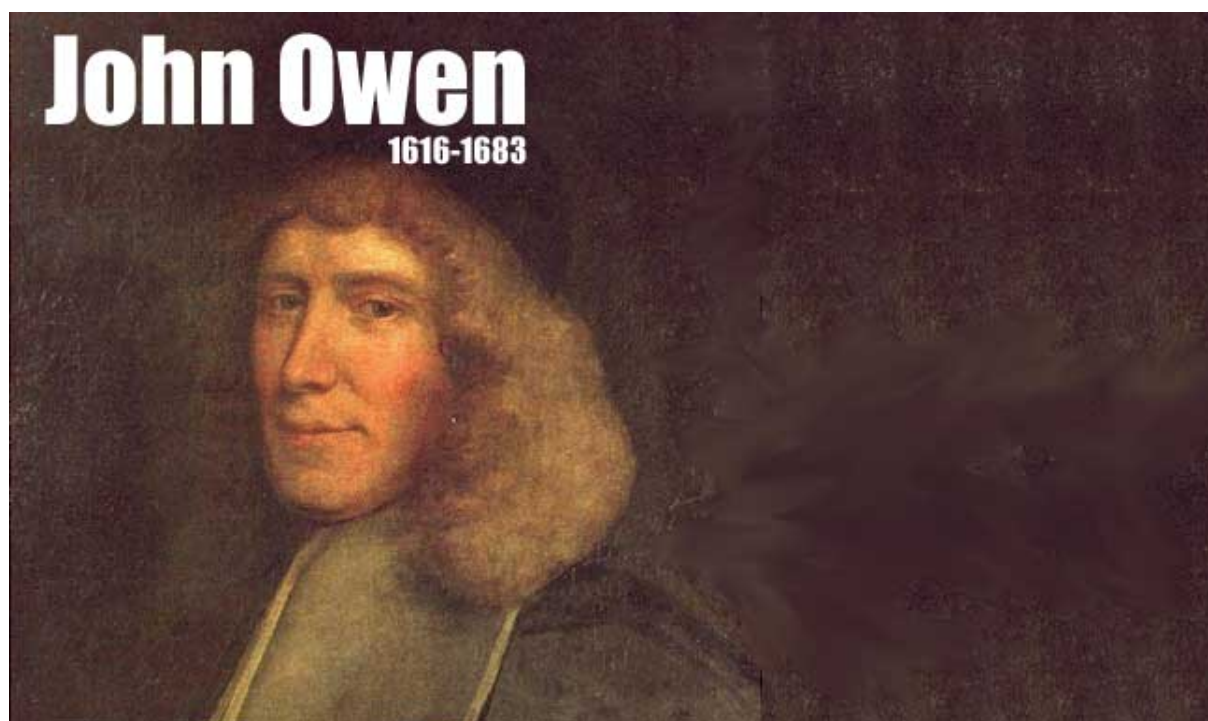


# "O Principal Desígnio da Minha Vida: Mortificação e Santidade Universal"

Reflexões sobre a Vida e Pensamento de John Owen

Por John Piper

Conferência Bethlehem para Pastores  
25 de Janeiro de 1994



**MONERGISMO.COM**

*"Ao Senhor Pertence a Salvação" (Jonas 2:9)*

[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)

## Introdução

Já houve 6 oradores na Conferência Belém para Pastores antes deste ano. Metade deles disse que John Owen é o escritor cristão mais influente em suas vidas. Isto é maravilhoso para um homem que morreu há 311 anos, e que escreveu de uma forma tão difícil de se ler, que ele mesmo viu sua obra como imensamente exigente em sua própria geração.

Por exemplo, seu livro, *The Death of Death in the Death of Christ* (A Morte da Morte na Morte de Cristo), é, provavelmente, seu livro mais famoso e mais influente. Ele foi publicado em 1647, quando Owen tinha 31 anos de idade. É o livro mais completo, e provavelmente o mais persuasivo, já escrito sobre o “L” do TULIP: expiação limitada (“I” de *limited atonement*, no inglês).

O ponto do livro é que quando Paulo escreve, “Cristo amou *a igreja* e a si mesmo se entregou *por ela*” (Efésios 5:25), ele quis dizer que Cristo fez realmente algo decisivo e único para a igreja quando Ele morreu por ela – algo que é particular e soberano, e diferente do que Ele faz para as pessoas que experimentam Seu julgamento e ira final. O livro argumenta que o amor particular que Cristo tem por sua noiva é algo mais maravilhoso do que o amor geral que Ele tem por Seus inimigos. É um amor *pactual*. Ele persegue, alcança, subjuga, perdoa, transforma e sujeita toda resistência no amado. *A Morte da Morte* é um grande e poderoso livro – ele me manteve acordado por muitas noites, há aproximadamente 12 anos atrás, quando estava tentando decidir o que eu realmente creia sobre o terceiro ponto do Calvinismo.

Porém, eu me adianto. O ponto que estou tentando estabelecer é que, é maravilhoso que Owen possa ter um impacto tão notável *hoje*, quando ele já morreu há 311 anos e sua forma de escrita é extremamente difícil. E até mesmo ele sabia que sua obra era difícil. No prefácio (“Ao Leitor”) do *A Morte da Morte*, Owen faz o que nenhum bom agente de marketing permitiria, hoje. Ele começa assim: “LEITOR....Se tu és, como muitos nesta era pretenciosa, *um observador de sinal ou título*, e vens aos livros como Cato ao teatro, para sair novamente, - tu já teve o teu entretenimento, adeus!” (X, 149) (veja nota 1).

## A influência de Owen sobre teólogos contemporâneos proeminentes

Todavia, J.I. Packer, Roger Nicole e Sinclair Ferguson não deram adeus a Owen. Eles se demoraram em seus livros. E aprenderam. E hoje, todos os três dizem que nenhum escritor cristão teve um maior impacto sobre eles do que John Owen.

### J.I. Packer

Packer diz que Owen é o herói do seu livro, *Quest for Godliness*<sup>1</sup>, um livro sobre *A Visão Puritana da Vida Cristã*. Isso diz muito, pois para Packer os Puritanos são as sequóias da floresta da teologia (veja nota 2). E John Owen é “o maior dentre os teólogos puritanos”. Em outras palavras, ele é a mais alta das sequóias. “Em solidez, profundidade, massividade e majestade ao exhibir, a partir das Escrituras, os caminhos de Deus para com a humanidade pecaminosa, ninguém chega perto dele” (veja nota 3).

Mas Packer tem uma razão muito pessoal para amar John Owen. Eu ouvi dele a história da crise pela qual ele passou logo após sua conversão. Ele estava em perigo, em seus dias de estudante, de se desesperar diante de um ensino perfeccionista que não tomava o pecado interno seriamente. A descoberta de John Owen o trouxe de volta à realidade. “Basta dizer”, Packer relembra, “que sem Owen eu poderia muito bem ter explodido minha cabeça ou ter me afundado num fanatismo místico” (veja nota 4).

Assim, Packer diz virtualmente que ele deve sua vida, e não apenas sua teologia, a John Owen. Não é surpresa, então, que Packer diga, com respeito ao estilo de Owen, que, embora laborioso e difícil, “a recompensa a ser colhida ao se estudar Owen é digna de todo labor envolvido” (veja nota 5).

### Roger Nicole

Roger Nicole, que ensinou no Seminário Gordon-Conwell por aproximadamente 40 anos, disse, quando ele esteve aqui em 1989, que John Owen é o maior teólogo que já escreveu na língua inglesa. Ele então parou e disse, maior até mesmo do que o grande Jonathan Edwards. Isto realmente chamou a minha atenção, pois tenho certeza que Nicole já leu mais daqueles dois grandes teólogos do que a maiores dos teólogos e pastores já o fizeram.

### Sinclair Ferguson

Sinclair Ferguson, que esteve aqui em 1990, escreveu um livro inteiro sobre Owen, *John Owen on the Christian Life* [John Owen sobre a Vida Cristã], e nos diz sobre seu débito que começou, se você puder crer, quando ele era ainda um adolescente:

Meu interesse pessoal em [Owen], como um professor e teólogo, começou no final da minha adolescência, quando eu li pela primeira vez algo de seus escritos. Como outros, antes e desde então, eu descobri que eles tratam de assuntos que a literatura evangélica contemporânea raramente, se alguma vez, tratou. A exposição penetrante de Owen abriu áreas de necessidade em meu próprio coração, mas também, de modo

---

<sup>1</sup> Nota do tradutor: No Brasil, publicado com o título “Entre os Gigantes de Deus: Uma Visão Puritana da Vida Cristã”, pela Editora Fiel.

correspondente, aprofundou a certeza da graça em Jesus Cristo...Desde aqueles primeiros encontros com as suas *Works* (Obras), tenho ficado em débito para com ele...Ter conhecido o ministério pastoral de John Owen durante estes anos (apesar de na forma escrita) tem sido um rico privilégio; ter conhecido o Deus de Owen foi um ainda maior (veja nota 6);

## Outros

Certamente, a magnitude da influência de John Owen vai muito além destes três. Para Ambrose Barnes, ele foi “o Calvino da Inglaterra”. Para Anthony Wood, ele foi “o Atlas e Patriarca da Independência” (veja nota 7). Charles Bridges, em *The Christian Ministry* [O Ministério Cristão] (1830) disse,

“Deveras sobre o todo – para exposição iluminada, e defesa poderosa da doutrina escriturística – para aplicação determinada da obrigação prática – para anatomia hábil do auto-engano do coração – e para um tratamento detalhado e sábio dos exercícios diversificados do coração do cristão, ele permanece provavelmente sem rivais” (veja nota 8). Se Nicole e Bridges estão corretos – que John Owen não tem rivais no mundo do idioma inglês – então, Jonathan Edwards não está longe demais, e Edwards dá o seu devido respeito a Owen, não apenas citando-o substancialmente em *Religious Affections* [Afeições Religiosas], mas também anotando em seu “Catálogo” de leituras a recomendação de Hallyburton aos seus estudantes na Universidade de St. Andrews, de que os escritos de John Owen devem ser valorizados acima de todos dos escritos humanos para uma visão verdadeira do mistério do evangelho (veja nota 9).

Uma das razões pelas quais me demoro nestes tributos tão longos, é que desejo não apenas que você se sinta atraído por Owen, mas que também valorize o se ter alguns heróis no ministério. Não há muitos ao nosso redor hoje. E Deus quer que tenhamos heróis. Hebreus 13:7 – “Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos falaram a palavra de Deus, e, *atentando para o êxito da sua carreira, imitai-lhes a fé*”. Parece-me que os líderes cristãos de hoje que chegam mais perto de *serem* heróis, são aqueles que têm grandes heróis. Eu espero que você tenha um ou dois, vivos ou mortos. Possa Owen se tornar um.

## Uma Visão Geral da Vida de Owen

A maioria das pessoas – sejam pastores ou teólogos – não conhecem muito sobre John Owen. Uma das razões é que seus escritos não são populares hoje (veja nota 10). Mas outra razão é que não se é conhecido muito sobre ele – pelo menos não muito sobre sua vida pessoal. Peter Toon, em sua biografia de 1971, diz, “Nenhum dos diários de Owen foram preservados; e...as cartas existentes nas quais ele revela sua alma são mui poucas, e reações aos outros, registradas e pessoais, são breves e escassas (veja nota 11)...Temos que depender de umas poucas cartas e um pouco de observações de outros para procurar entendê-lo como homem. E estas são insuficientes para sondar as profundezas do seu caráter. Assim, Owen permanece oculto como se estivesse através de um véu...seus pensamentos secretos permanecem só seus” (veja nota 12).

Penso que isto pode ser um pouco equivocado, pois quando você lê as obras mais práticas de Owen, o homem brilha através de uma forma que, penso, revela os lugares profundos do seu coração. Mas, os detalhes de sua vida pessoal ainda são frustrantemente poucos. Você verá isto – e compartilhará minha frustração – no que se segue.

Owen nasceu na Inglaterra em 1616, o mesmo ano em que William Shakespeare morreu e quatro anos antes dos Peregrinos viajarem para a Nova Inglaterra. Isto foi virtualmente no meio do grande século Puritano (aproximadamente de 1560 a 1660).

O Puritanismo foi, em seu cerne, um movimento espiritual, apaixonadamente preocupado com Deus e a piedade. Ele começou na Inglaterra com William Tyndale, o tradutor da Bíblia, contemporâneo de Lutero, uma geração antes da palavra “puritano” ser cunhada, e continuou até os últimos anos do século XVII, algumas décadas antes do termo “puritano” cair em desuso...O Puritanismo foi essencialmente um movimento para a reforma da igreja, para a renovação pastoral e evangelística, e para o reavivamento espiritual...O objetivo puritano era completar o que a Reforma da Inglaterra começou: terminar a reforma da adoração anglicana, introduzir uma disciplina de igreja efetiva nas paróquias anglicanas, estabelecer a justiça nos campos políticos, domésticos e sócio-econômicos, e converter todos os cidadãos ingleses a uma fé evangélica vigorosa (veja nota 13).

Owen nasceu no meio deste movimento e se tornou seu maior pastor-teólogo, à medida que o movimento terminou quase que simultaneamente com a sua morte, em 1683 (Veja nota 14). Seu pai foi pastor em Stadham, cinco milhas ao norte de Oxford. Ele teve três irmãos e uma irmã. Em todos os seus escritos ele não menciona sua mãe ou seus irmãos. Há uma única breve referência ao seu pai, que diz, “Desde a minha infância estive debaixo dos cuidados do meu pai, que foi um não-conformista durante todos os seus dias, e um árduo trabalhador na vinha do Senhor” (veja nota 15).

Com a idade de 10 anos, ele foi enviado para a escola primária dirigida por Edward Sylvester em Oxford, onde ele se preparou para a universidade. Ele entrou no Queens College, Oxford, com a idade de 12 anos, e recebeu o seu Bacharel em Artes<sup>2</sup> aos 16 anos e seu M.A. (Mestre de Artes) três anos mais tarde, aos 19 anos de idade. Nós podemos ter uma idéia de como o garoto era a partir de uma observação feita por Peter Toon, de que o zelo de Owen por

<sup>2</sup> Nota do tradutor: No sistema educacional brasileiro não há um equivalente perfeito ao inglês *Arts*. Na Inglaterra, bem como em outros países, *Arts* (no plural) abrange uma infinidade de áreas que no Brasil normalmente são consideradas isoladamente, por exemplo, Letras, História, Geografia.

conhecimento era tão grande neste tempo que “ele freqüentemente permitia a si mesmo somente quatro horas de sono por noite. Sua saúde foi afetada, e mais tarde na vida, quando ele estava freqüentemente doente numa cama, ele lamentou estas horas de descanso que ele perdeu quando jovem” (veja nota 16).

Owen começou sua obra para B.D. (Bacharel em Divindade), mas não pôde mais suportar o Arminianismo e o formalismo da igreja-alta de Oxford e retirou-se para se tornar tutor pessoal e capelão de algumas famílias ricas perto de Londres.

Em 1642, a Guerra Civil começou entre o Parlamento e o Rei Charles (entre a religião da igreja-alta de William Laud e a religião puritana dos Presbiterianos e Independentes na Câmara dos Comuns). Owen estava simpatizado com o Parlamento contra o rei e Laud, e assim, ele foi tirado de sua capelania e transferido para Londres, onde os cinco eventos principais de sua vida aconteceram nos quatro anos seguintes, os quais marcaram o resto de sua vida.

## **Cinco Eventos que Marcaram o Resto de Sua Vida**

### **A. Conversão**

O primeiro é sua conversão – ou sua certeza de salvação e aprofundamento de sua comunhão pessoal com Deus. É notável que esta aconteceu de uma maneira quase idêntica à conversão de Charles Spurgeon, dois séculos mais tarde. No dia 06 de Janeiro de 1850, Spurgeon foi parar, devido a uma tempestade de neve, numa Capela Metodista Primitiva, onde um leigo estava substituindo o pastor e pregou sobre o texto de Isaías 45:22, “Olhai para mim e sereis salvos, vós, todos os confins da terra”. Spurgeon olhou e foi salvo (veja nota 17).

Owen era um calvinista convicto com amplo conhecimento doutrinário, mas lhe faltava o sentimento da realidade de sua própria salvação. Este sentimento de realidade pessoal em tudo o que ele escreveu ia fazer toda a diferença do mundo para Owen nos anos vindouros. Assim, o que aconteceu num Domingo de 1642, é muito importante.

Quando Owen tinha 26 anos de idade, ele foi com seu primo ouvir o famoso Presbiteriano Edmund Calamy, na Igreja de St. Mary Aldermanbury. Mas Calamy não pôde pregar e um pregador rural tomou o seu lugar. O primo de Owen queria ir embora. Mas algo segurou Owen em seu assento. O pregador simples tomou o texto de Mateus 8:26, “Por que temeis, homens de pouca fé?”. Foi a palavra e o tempo apontados por Deus para o despertar de Owen. Suas dúvidas, temores e preocupações, de que se ele era realmente alguém nascido de novo pelo Espírito Santo, foram embora. Ele sentiu-se libertado e adotado como um Filho de Deus. Quando você lê as penetrantes obras de Owen sobre a obra do Espírito e a natureza da verdadeira comunhão com Deus, é difícil ter dúvida sobre a realidade do que Deus fez neste Domingo de 1642 (veja nota 18).

### **B. Casamento**

O segundo evento crucial naqueles primeiros anos em Londres, foi o casamento de Owen com uma jovem mulher chamada Mary Rooke. Ele foi casado com ela por 31 anos, de 1644 a 1675. Não conhecemos virtualmente nada sobre ela. Mas sabemos um fato absolutamente impressionante que deve ter colorido todo o ministério de Owen pelo resto de sua vida (ele morreu oito anos após ela morrer). Sabemos que ela lhe deu 11 filhos, e todos, exceto uma filha, morreram quando crianças, e esta filha morreu quando era ainda uma jovem adulta. Em outras palavras, Owen experimentou a morte de 11 filhos e de sua esposa! É uma média de uma criança nascida e uma criança perdida a cada três anos da vida adulta de Owen (veja nota 19).

Não temos nenhuma referência à Mary ou às crianças, ou à sua dor em todos os seus livros. Mas, apenas saber que este homem andou no vale da sombra da morte na maior parte de sua vida, me dá um sinal da profundidade de lidar com Deus que encontramos em suas obras. Deus tem suas formas estranhas e dolorosas de nos fazer o tipo de pastores e teólogos que Ele deseja que sejamos.



### C. Primeiro Livro

O terceiro evento nestes primeiros anos em Londres foi a publicação de seu primeiro livro. Ele tinha lido a fundo sobre a controvérsia recente na Holanda entre os Remonstrantes (a quem ele chamava de Arminianos) e os Calvinistas. O Remonstrance foi escrito em 1610 e a resposta Calvinista foi o Sínodo de Dordt em 1618. Apesar de todas as suas diferenças, Owen considerou a Igreja-Alta Inglesa de William Laud e os Remonstrantes Holandeses como essencialmente um, em sua rejeição da predestinação, a qual para Owen se tornou absolutamente crucial, especialmente na conversão, a qual ele atribuía totalmente a Deus.

Assim, ele publicou seu primeiro livro em Abril de 1643 com o polêmico título, semelhante a um prefácio, *A Display of Arminianism: being a discovery of the old Pelagian idol, free-will, with the new goddess, contingency, advancing themselves into the throne of God in heaven to the prejudice of His grace, providence and supreme dominion over the children of men* [Uma Demonstração do Arminianismo: sendo uma descoberta do antigo ídolo pelagiano, o livre-arbítrio, com uma nova deusa, a contingência, avançando eles mesmos para o trono de Deus no céu, para o prejuízo de Sua graça, providência e domínio supremo sobre os filhos dos homens].

Isto é importante, não somente porque ele apresenta sua direção como um Calvinista, mas como um escritor público e controverso, cuja vida inteira seria tomada pela escrita, até o último mês de sua vida, em 1683.

### D. Tornando-se um pastor

O quarto evento crucial naqueles anos foi o fato de Owen se tornar pastor de uma pequena paróquia em Fordham, Essex, em 16 de Julho de 1643. Ele não permaneceu muito tempo nesta igreja. Mas eu a menciono, pois ela fixou o curso de sua vida como um pastor. Ele sempre foi essencialmente um pastor, mesmo quando envolvido com administração na Universidade de Oxford e mesmo quando envolvido com eventos políticos de seus dias. Ele era tudo, menos um acadêmico enclausurado. Todos os seus escritos foram feitos na pressão de deveres pastorais. Há pontos em sua vida onde isto parece absolutamente espantoso – como, por exemplo, o fato dele poder continuar estudando e escrevendo, mesmo com o tipo de envolvimento que ele tinha.

### E. Dirigindo-se ao Parlamento

O quinto evento destes primeiros anos em Londres foi o convite, em 1646, para falar ao Parlamento. Naqueles dias havia dias de jejum durante o ano, quando o governador pedia a certos pastores para pregar na Câmara dos Comuns. Era uma grande honra. Esta mensagem catapultou Owen para os assuntos políticos nos 14 anos seguintes.

Owen chamou a atenção de Oliver Cromwell, o líder governamental (“Protetor”) na ausência do rei, e Cromwell é conhecido por ter dito a Owen, “Senhor, você é uma pessoa que eu devo conhecer”; ao que Owen replicou, “isto será muito mais vantajoso pra mim do que para você” (veja nota 20).



Bem, talvez sim e talvez não. Com este conhecimento Owen foi lançado no tumulto da guerra civil. Cromwell fez dele o seu capelão e o levou para Irlanda e Escócia, para pregar às suas tropas e avaliar a situação religiosa nestes países, e dar a justificação teológica para a política de Cromwell.

Cromwell não somente apontou Owen, em 1651, como Deão da Faculdade Igreja de Cristo, em Oxford, bem como fez dele também, no ano seguinte, o Vice-Chanceler. Ele esteve envolvido com Oxford por nove anos até 1660, quando Charles II retornou, e as coisas começaram a ficar muito ruins para os Puritanos.

## Fecundidade em meio a Pressão

O que começou a me impressionar, à medida que aprendia quão pública e quão administrativamente carregada era a vida de Owen, foi que ele era capaz de continuar estudando e escrevendo, a despeito de tudo, e em parte por causa de tudo.

Em Oxford, Owen era responsável pelos serviços de adoração, pois a Igreja de Cristo era uma catedral, bem como uma faculdade, e ele era o pregador. Ele era responsável pela escolha de estudantes, a nomeação de capelães, a provisão de facilidades tutoriais, a administração de disciplina, a supervisão da propriedade, a cobrança de aluguéis e dízimos, a doação de possessões e o cuidado dos carentes no hospital da igreja, mas o seu objetivo principal, em toda a sua vida, diz Peter Toon, era “estabelecer a vida inteira da Faculdade sobre a Palavra de Deus” (veja nota 21).

Sua vida era simplesmente sobrepujada pela pressão. Eu não posso imaginar que tipo de vida familiar ele tinha, e durante o tempo em que suas crianças estavam morrendo (sabemos que pelo menos dois filhos morreram na praga de 1655). Quando ele terminou seus deveres como Vice-Chanceler, ele disse na conclusão do seu discurso,

Os labores têm sido inumeráveis; além de submeterem a enormes gastos, frequentemente quando trazido à beira da morte por sua causa, tenho odiado estes membros e este corpo débil com o qual estava pronto a abandonar minha mente; as censuras dos plebeus têm sido indiferentes; a inveja dos outros tem sido sobrepujada: nestas circunstâncias eu desejo a vocês toda prosperidade e dou adeus (veja nota 22).

A despeito de toda esta pressão administrativa, e até mesmo hostilidade, por causa de seu compromisso com a piedade e com a causa Puritana, ele estava constantemente estudando e escrevendo, provavelmente até tarde da noite, em vez de dormir. Isto mostra quão preocupado ele era com a fidelidade doutrinária às Escrituras. Peter Toon lista 22 obras publicadas durante estes anos. Por exemplo, ele publicou sua defesa da *Perseverança dos Santos* em 1654. Ele viu um homem chamado John Goodwin espalhando erro sobre esta doutrina e sentiu-se constrangido, mesmo com todos os seus outros deveres, a respondê-lo – com 666 páginas! Este livro preenche todo o volume 11 em suas *Works*. E ele não escrevia felpas que desapareciam durante a noite. Um biógrafo dele disse que este livro é “a vindicação mais magistral da perseverança dos santos na língua inglesa” (veja nota 23).

Durante estes anos administrativos ele escreveu também *Of the Mortification of Sin in Believers* [Sobre a Mortificação do Pecado nos Crentes] (1656), *Of Communion with God* [Sobre a Comunhão com Deus] (1657), *Of Temptation: The Nature and Power of It* [Sobre a tentação: A Natureza e o Poder dela] (1658). O que é impressionante sobre estes livros é que eles são o que poderia ser chamado de intensamente pessoais e em muitos lugares muito suaves. Assim, ele não estava apenas lutando batalhas doutrinárias; ele estava lutando contra o pecado e a tentação. E ele não estava apenas lutando, ele estava tentando encorajar uma profunda comunhão com Deus em seus estudantes.

Ele foi aliviado dos seus deveres de Deão em 1660 (tendo renunciado a Vice-Chancelaria em 1657). Cromwell tinha morrido em 1658. A monarquia com Charles II estava de volta. O Ato da Uniformidade, que removeu 2.000 Puritanos dos seus púlpitos, estava às portas (1662). Os dias seguintes para Owen, agora, não seriam os grandes dias políticos e acadêmicos dos

últimos 14 anos. Ele era agora, de 1660 até sua morte em 1693, um tipo de pastor fugitivo em Londres.

Durante estes anos ele se tornou o que alguns têm chamado de o “Atlas e o Patriarca da Independência”. Ele tinha começado seu ministério como um Puritano de persuasão Presbiteriana. Mas ele se tornou persuadido de que a forma Congregacional de governo era mais bíblica. Ele foi o principal porta-voz desta ala da Não-conformidade, e escreveu extensivamente para defender a visão (veja nota 24).

Mas, ainda mais significativa, ele foi o principal porta-voz da *tolerância*, tanto da forma Presbiteriana como Episcopal. Mesmo enquanto em Oxford, ele tinha a autoridade para acabar com a adoração Anglicana, mas ele permitiu um grupo de Episcopais adorar em salas do outro lado dos seus próprios quartos (veja nota 25). Ele escreveu numerosos tratados e livros pedindo a tolerância dentro da Ortodoxia. Por exemplo, em 1667 ele escreveu (em in *Indulgence and Toleration Considered* [Indulgência e Tolerância Consideradas]):

Parece que somos um dos primeiros que, em algum lugar no mundo, desde a fundação deste, pensou em arruinar e destruir pessoas da mesma religião que a nossa, meramente pela escolha de algumas formas peculiares nesta religião (veja nota 26).

Suas idéias de tolerância eram tão significantes que elas tiveram uma larga influência sobre William Penn, o Quaker e fundador de Pensilvânia, que foi um estudante de Owen. E é significativa para mim, como um Batista, que ele tenha escrito em 1669, com vários outros pastores, uma carta de interesse para o governador e congregacionalistas de Massachusetts, suplicando-lhes para não perseguir os Batistas (veja nota 27).

## Ministério Pastoral

Durante estes 23 anos após 1660, Owen foi um pastor. Por causa da situação política, ele não era sempre capaz de estar num único lugar e com o seu povo, mas ele parecia carregá-los em seu coração, mesmo quando viajava de um lugar para outro. Perto do fim de sua vida, ele escreveu ao seu rebanho, “Embora esteja ausente de vocês em corpo, estou em mente, afeição e espírito presente com vocês, e em suas assembléias; pois espero que vocês sejam minha coroa e regozijo no dia do Senhor” (veja nota 28).

Não somente isto; ele ativamente aconselhou e fez planos para o cuidado deles em sua ausência. Ele aconselhou-lhes em uma carta com palavras que são maravilhosamente relevantes para a luta do cuidado pastoral em nossas igrejas hoje:

Rogo-vos que ouçam uma palavra de aviso em caso de aumento de perseguições, que provavelmente acontece por um período de tempo indefinido. Eu desejaria, visto que vocês não têm presbíteros regentes, e seus professores não podem passear publicamente com segurança, que vocês apontassem alguém entre vocês mesmos, que possa continuamente, à medida que suas ocasiões admitam, ir de casa em casa e se aplicarem peculiarmente aos fracos, tentados e temerosos, àqueles que estão prontos a se desesperar ou a parar, para encorajá-los no Senhor. Escolham para este fim aqueles que possuem um espírito de coragem e fortaleza; e deixe-os saber que eles são felizes, a quem Cristo honrará com Sua bendita obra. Eu desejo que as pessoas desse grupo sejam homens fiéis, e conheçam o estado da igreja; através disto vocês saberão qual é a estrutura dos membros da igreja, que será uma grande direção para vocês, mesmo em suas orações (veja nota 29).

Sob circunstâncias normais Owen cria e ensinava que, “O primeiro é principal dever de um pastor é alimentar o rebanho pela diligente pregação da Palavra” (veja nota 30). Ele apontava para Jeremias 3:15 e o propósito de Deus de “dar à Sua igreja pastores segundo o seu próprio coração, que os apascentariam com conhecimento e entendimento”. Ele mostrava que o cuidado da pregação do evangelho foi confiado a Pedro, e através dele, a todos os verdadeiros pastores da igreja, sob o nome de “apascentar” (João 21.15,16). Ele citava Atos 6 e a decisão dos apóstolos de se livrarem de todas as incumbências que haviam sido dadas a eles, para se dedicarem inteiramente à palavra e à oração. Ele se referia à 1 Timóteo 5.17 para demonstrar que é obrigação do pastor “trabalhar na palavra e na doutrina”, e à Atos 20.28 onde os responsáveis pelo rebanho devem apascentá-los com a Palavra.

E então, ele diz: “Não é requerido apenas que ele pregue agora e então descanse; mas que ele deixe todos os outros trabalhos, mesmo permitidos, todas as outras atividades na igreja, cuja uma constante atenção à elas o distrairia do seu trabalho, ao qual ele se entregou... Sem isto, nenhum homem será capaz de prestar contas do seu trabalho pastoral de uma maneira agradável no último dia” (veja nota 31). Acho que seria justo dizer que Owen atendeu plenamente este desafio durante aqueles anos, sempre que a situação política o permitiu.

## Owen e Bunyan

Não está claro para mim porque alguns puritanos naquela época estavam na prisão, e outros, como Owen, não. Parte da explicação é o quão abertamente eles pregavam. Parte é que Owen foi uma figura nacional com conexões com os altos cargos. Outra parte é que a perseguição não foi nacionalmente uniforme, mas alguns oficiais locais eram mais rigorosos do que outros.

Mas não importa a explicação disso, é notável o relacionamento que John Owen teve nestes anos com John Bunyan, que gastou muitos deles na prisão. Uma história conta que o Rei Charles II perguntou a Owen certa vez por que ele se importava em ouvir a pregação de um “funileiro” sem educação como Bunyan. Owen respondeu “Pudesse eu possuir a habilidade para pregar deste funileiro, vossa majestade, alegremente abriria mão de todo o meu aprendizado” (veja nota 32).

Uma das melhores ilustrações da face sorridente de Deus por trás de uma providência carrancuda é a história de como Owen falhou em ajudar Bunyan a sair da prisão. Repetidamente quando Bunyan estava na prisão, Owen lutou por sua libertação com todas as forças que ele podia usar. Mas não foi possível. Porém, quando John Bunyan foi libertado em 1676, trouxe consigo um manuscrito “de uma dignidade e importância que quase não podia ser compreendida” (veja nota 33). De fato, Owen encontrou-se com Bunyan e o recomendou a seu editor, Nathaniel Ponder. A parceria deu certo e o livro muito provavelmente, depois da Bíblia, é o mais publicado no mundo – tudo porque Owen falhou em suas tentativas de libertar Bunyan, e porque ele obteve sucesso em encontrar-lhe um editor. A lição: “Não julge o Senhor com débil entendimento, Mas confie nele para sua graça. Por trás de uma providência carrancuda, Ele oculta uma face sorridente”.

## Morte

Owen morreu em 24 de Agosto de 1683. Ele foi enterrado em 4 de Setembro, no Bunhill Fields, Londres, onde cinco anos mais tarde o Pensador e “Imortal Sonhador da Prisão de Bedford” seria enterrado com ele. Foi decidido que os dois descansassem unidos, após o longo trabalho do Gigante Congregacional pela causa da tolerância dos batistas pobres na Inglaterra e na Nova Inglaterra.

## Seu objetivo todo-abrangente na vida - Santidade

O que gostaria de fazer agora é tentar me aproximar do cerne daquilo que fez este homem notável e daquilo que o fez grande. Acredito que o Senhor quer que sejamos inspirados por este homem de uma profunda forma pessoal e espiritual. Parece que esta é a forma que ele tocou tanto as pessoas – como J.I. Packer e Sinclair Ferguson.

Acredito que as palavras dele que nos trazem mais próximos do coração e do objetivo de sua vida são encontradas no prefácio do pequeno livro *A Mortificação do Pecado nos Crentes*, que foi baseado nos sermões pregados aos estudantes e à comunidade acadêmica em Oxford:

Espero que eu possa possuir em sinceridade que o meu desejo de coração para com Deus, e o principal desígnio de minha vida.... é, que a mortificação e a santidade universal possam ser promovidas no meu e nos corações e caminhos dos outros, para a glória de Deus, a fim de que o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo possa ser adornado em todas as coisas (veja nota 34).

Isto foi em 1656. Owen tinha 40 anos de idade. Vinte e cinco anos depois ele ainda estava tocando a mesma nota em suas pregações e escritos. Em 1681, ele publicou *The Grace and Duty of Being Spiritually Minded* [A Graça e o Dever de Ser Espiritualmente Orientado]. Sinclair Ferguson está provavelmente correto quando diz “*Tudo* que ele escreveu a seus contemporâneos têm um objetivo prático e pastoral em vista – a promoção da verdadeira vida cristã” (veja nota 35) – em outras palavras, a mortificação do pecado e o avanço da santidade.

Este foi seu encargo não somente para as igrejas, mas também para a Universidade, quando estava lá. Peter Toon diz: “A ênfase especial de Owen era insistir que o inteiro currículo acadêmico deveria ser imerso em pregação, catecismo e oração. Ele queria que os graduados de Oxford não somente fossem proficientes em Artes e Ciências, mas que também aspirassem à piedade” (veja nota 36).

Mesmo em suas mensagens políticas – os sermões ao Parlamento – o tema era repetidamente santidade. Ele baseou isto na linha de pensamento do Antigo Testamento – que “o povo de Israel estava nas melhores condições quando seus líderes eram piedosos” (veja nota 37). Portanto, o ponto principal dele era que o legislativo deveria ser composto por pessoas santas.

Sua preocupação de que o Evangelho se espalhasse e fosse adornado com santidade não era apenas um encargo para sua terra natal, a Inglaterra. Quando ele voltou para a Irlanda em 1650, onde viu as forças inglesas, sob as ordens de Cromwell, dizimar a Irlanda, ele pregou no Parlamento e clamou por outro tipo de guerra:

“Como Jesus Cristo pode estar na Irlanda apenas como um leão que mancha suas vestes com o sangue dos seus inimigos; e ninguém o sustenta como um Cordeiro que derramou Seu próprio sangue por seus amigos?... Isto é lidar corretamente com o Senhor Jesus? – chamá-lo para a batalha e tirar-lhe a coroa? Deus foi fiel convosco ao fazer grandes coisas por vocês; sejam fiéis nisto – dêem o seu máximo pela pregação do Evangelho na Irlanda”. (veja nota 38)

De seus próprios escritos, e do testemunho de outros, parece justo dizer que o objetivo da santidade pessoal em toda a vida, e a mortificação de todo pecado conhecido, foi o trabalho não somente de seus ensinamentos, mas de sua própria vida pessoal também.

David Clarkson, seu associado pastoral nos anos finais do ministério de Owen, dirigiu o seu funeral. Nele, ele disse:

Uma grande luz se apagou; uma de eminência pela santidade, conhecimento, qualidades e habilidades; um pastor, um erudito, um santo de primeira magnitude; a santidade deu um resplender divino às suas outras realizações, ela brilhou em todo o seu curso, e foi difundida através de toda a sua conversação (veja nota 39).

John Stoughton disse que “Sua piedade igualou-se a sua erudição” (veja nota 40). Thomans Chalmers da Escócia comenta em *On Nature, Power, Deceit, and Prevalence of Indwelling Sin in Believers* [Sobre a Natureza, Poder, Engano e Prevalência do Pecado Interior nos Crentes]: “É mais importante ser instruído neste assunto por alguém que alcançou tais patamares em santidade, e cujo conhecimento profundo e experimental da vida espiritual o capacitou tão bem a detalhar sua natureza e operações” (veja nota 41).

### **Por que devemos ouvir John Owen**

A razão pela qual esta questão é tão urgente para nós hoje, não é somente que há uma santidade sem a qual ninguém verá o Senhor (Hebreus 12.14), mas que parece existir uma falta de líderes políticos e eclesiais hoje que façam da busca pela santidade algo tão central como a busca pelo crescimento da igreja ou pelo sucesso político. O Presidente dos Estados Unidos comunicou mui claramente que não acredita que sua santidade pessoal seja um fator significativo em sua liderança desta nação<sup>3</sup>. A maneira desdenhosa com que muitas igrejas tratam um comportamento sexual decente é um eco da mesma doença. John Owen deveria ser aplicado tanto no cenário nacional quanto no eclesial.

John Owen é um bom conselheiro e modelo para nós neste assunto de santidade porque ele não era um eremita. Frequentemente pensamos que algumas pessoas têm o prazer monástico de simplesmente saírem da confusão da vida pública e tornarem-se pessoas santos. Não eram assim que os Puritanos da época de Owen agiam. J.I. Packer diz que o Puritanismo foi “um monasticismo reformado, fora do claustro e longe dos votos monásticos” (veja nota 42). Isto é especialmente verdadeiro de Owen.

Seu contemporâneo, Richard Baxter, chamou Owen de “o grande obreiro” (veja nota 43). Ele vivia exposto ao público. Ele estava envolvido na administração acadêmica; tinha a política sempre aos seus ouvidos; se envolveu com os oficiais da liderança militar do país; estava envolvido em controvérsias sobre todos os tipos de assuntos, desde a autenticidade dos sinais vocálicos do hebraico e a Epístola de Inácio às leis nacionais de tolerância e a natureza da justificação; participou de centenas de ministérios congregacionais independentes, como seu porta-voz à nível nacional; ele fez tudo isto enquanto pastoreava as pessoas – e não se esqueça, perdendo um filho a cada três anos.

<sup>3</sup> Nota do tradutor: Na época do texto, Bill Clinton era presidente dos EUA.



E todos nós sabemos que uma vida como esta é uma luta contra o criticismo, que pode quebrar o próprio espírito e fazer a busca pela santidade pessoal duplamente difícil. Quando seus adversários não podiam superá-lo em argumentação, eles apelavam para o assassinato do caráter. Ele foi chamado de “o grande líder da perturbação e sedição...uma pessoa que competia com Maomé, por sua agressividade e impostura... uma víbora, tão cheia de peçonha que deve logo morder ou derramar seu veneno” (veja nota 44).

E ainda mais doloroso e desanimador é o criticismo de amigos. Certa vez, ele recebeu uma carta de John Eliot, o missionário aos índios na América, que o machucou, ele disse, mais que qualquer um de seus adversários:

O que recebi de você... me marcou profundamente e deixou uma impressão bem maior em minha mente, mais do que todas as calúnias virulentas e falsas acusações que já recebi de meus adversários professos...Que eu deveria agora ser acusado para causar uma ferida para *santidade* nas igrejas, é um dos mais tristes franzimentos na frente turva da Providência Divina (veja nota 45).

Adicione a isto às dificuldades diárias de viver em um mundo pré-tecnológico, sem qualquer conveniência moderna, atravessando duas grandes pragas, uma das quais matou 70.000 do meio milhão de habitantes de Londres em 1665 (veja nota 46), mais os 20 anos vivendo fora da proteção da lei – assim, sabemos que a santidade de John Owen não funcionou apenas em momentos de conforto, prazer e segurança. Quando um homem como este, dadas estas circunstâncias, é lembrado e exaltado por séculos devido à sua santidade pessoal, deveríamos escutá-lo.

## Como ele cresceu em santidade?

### Owen humilhou-se debaixo da poderosa mão de Deus

Apesar de ele ser um dos mais influentes e conhecidos homens em seus dias, sua visão de seu lugar na economia de Deus era sóbria e humilde. Dois dias antes de morrer, ele escreveu uma carta a Charles Fleetwood: “Eu estou deixando o navio da Igreja em uma tempestade, mas enquanto o grande Piloto estiver no comando, a perda de um pobre remador será insignificante” (veja nota 47).

Packer diz que “Owen, [embora] um homem orgulhoso por natureza, diminuiu-se em e por sua conversão, e depois disso, ele se manteve humilde por uma contemplação recorrente de sua pecaminosidade inerente” (veja nota 48). O que Owen escreve ilustra isso:

Guardar nossas almas num constante estado de mansidão e auto-humilhação é a parte mais necessária da nossa sabedoria... e isto está tão longe de ter alguma inconsistência com aquelas consolações e alegrias que o Evangelho oferece a nós como crentes, bem como é a única maneira de deixá-las na alma de uma maneira apropriada (veja nota 49).

Em relação ao seu imenso aprendizado e o tremendo *insight* que ele tinha sobre as coisas de Deus, ele parecia ter uma atitude humilde sobre suas realizações, pois ele escalou alto o suficiente para ver sobre as primeiras montanhas dentre os mistérios infinitos de Deus.

“Eu não tenho pretensão de procurar o fundo ou as profundidades de muitas partes do ‘grande mistério da piedade, Deus manifesto em carne’. Todos eles são inalcançáveis, para o [limite] até das mentes mais iluminadas, nesta vida. O quanto mais poderemos compreender deles no outro mundo, somente Deus sabe” (veja nota 50).

Esta humildade abriu a alma de Owen para as maiores visões de Cristo nas Escrituras. Ele acreditava de todo o coração na verdade de 2 Coríntios 3.18 de que, por contemplar a glória de Cristo, “nós somos gradualmente transformados na mesma glória” (veja nota 51). E isto nada mais é do que a santidade.

### Owen cresceu no conhecimento de Deus por obedecer aquilo que ele já conhecia

Em outras palavras, Owen reconheceu que a santidade não era meramente o objetivo de todo o aprendizado verdadeiro; ela é também o meio de mais aprendizado verdadeiro. Isto elevou sua santidade mais ainda em sua vida: ela foi o objetivo de sua vida e, em grande medida, o meio de conseguir mais.

A verdadeira noção das santas verdades evangélicas não sobreviverá, ou pelo menos não florescerá, onde elas estiverem separadas de uma santa conversação (=vida). Assim como nós aprendemos tudo para praticar [!!!], assim também aprendemos muito pela prática... e apenas desta forma nós teremos a segurança de que aquilo que conhecemos e aprendemos é de veras a verdade (cf. João 7.17)... e por meio disto, seremos guiados continuamente para os mais distantes graus de conhecimento. A mente do homem é capaz de receber suprimento contínuo com o aumento da

iluminação e do conhecimento... se.. eles crescem no seu objetivo de obediência a Deus. Mas sem isto, a mente será rapidamente cheia de noções, de forma que nenhuma correnteza poderá descer para ela da fonte da verdade (veja nota 52).

Portanto, Owen manteve as correntes da fonte da verdade abertas, ao fazer da obediência o efeito de tudo o que aprendeu, e o meio de mais obediência.

### **Owen possuía uma comunhão com Deus de forma apaixonada**

É incrível que Owen foi capaz de continuar escrevendo livros edificantes e volumosos, além de panfletos, debaixo das pressões de sua vida. A chave era sua comunhão pessoal com Deus. Andrew Thomson, um dos seus biógrafos, escreveu:

É interessante descobrir a ampla evidência que [sua obra sobre *Mortificação*] proporcionou, isso em meio ao ruído da controvérsia teológica, as atividades absorventes e perplexas de uma alta posição pública, e a frieza de uma universidade. Ainda assim ele vivia perto de Deus, e como Jacó no meio das pedras do deserto, mantinha um relacionamento secreto com o eterno e o invisível (veja nota 53).

Packer diz que os Puritanos diferem-se dos evangélicos hoje porque com eles

“...a comunhão com Deus era algo *grande*, para os evangélicos de hoje é algo comparativamente *pequeno*. Os Puritanos se preocupavam com a comunhão com Deus de uma forma que não fazemos. A medida da nossa despreocupação é o pouco que falamos sobre isto. Quando cristãos se encontram, eles falam com o outro sobre a obra cristã e interesses cristãos, seus ministérios cristãos, o estado de suas igrejas, os problemas na teologia – mas raramente de sua experiência diária com Deus” (veja nota 54).

Mas Deus via que Owen e os sofredores Puritanos de seu tempo viviam próximos a Ele e consideravam sua comunhão com Deus mais valiosa do que nós fazemos. Escrevendo uma carta durante uma enfermidade, em 1674, ele disse a um amigo: “Cristo é nosso melhor amigo, e por muito tempo ele será nosso único amigo. Eu oro a Deus, desejando de todo meu coração, que eu possa até me cansar de tudo, menos de conversar e ter comunhão com Ele” (veja nota 55). Deus estava usando a enfermidade e todas as outras pressões da vida de Owen para direcioná-lo a uma comunhão com Ele e não se afastar disso.

Mas Owen também mantinha sua comunhão com Deus de forma muito intencional. Ele disse: “A amizade é melhor mantida e guardada por meio de visitas; e destas, as mais livres e menos ocasionadas por negócios urgentes...” (veja nota 56). Em outras palavras, no meio de todos os seus trabalhos acadêmicos, políticos e eclesiásticos, ele fez muitas visitas a seu Amigo, Jesus Cristo.

E quando fazia isto, ele não se aproximava de Deus apenas com petições de coisas ou mesmo para libertação em suas muitas dificuldades. Ele se aproximava para ver seu glorioso amigo e contemplar sua grandeza. O último livro que ele escreveu – estava terminando quando ele faleceu – é chamado *Meditations on the Glory of Christ* [Meditações sobre a Glória de Cristo]. Isto diz muito sobre o foco e os resultados na vida de Owen. Lá ele disse:

A revelação... de Cristo... merece o mais intenso de nossos pensamentos, o melhor de nossas meditações e a maior diligência neles... Que melhor preparação podemos ter para [nosso futuro gozo da glória de Cristo] do que uma constante contemplação prévia desta glória na revelação que é feita no Evangelho? (veja nota 57).

A contemplação que Owen tinha em mente é formada de pelo menos duas coisas: por um lado há o que ele chamou de seus “pensamentos mais intensos”, e “melhores meditações” ou em outro lugar “meditações assíduas”, e por outro lado há a oração sem cessar. As duas são ilustradas em sua obra sobre Hebreus.

Uma de suas maiores realizações foi seu volume sete do comentário sobre Hebreus. Quando ele o terminou, quase no fim de sua vida, disse: “Agora meu trabalho está pronto – é hora de eu morrer” (veja nota 58). Como ele fez isso? Nós podemos ter um vislumbre a partir prefácio:

Eu devo agora dizer que, após toda minha busca e leitura, a oração e a edição assídua têm sido o meu único repouso, e de longe os meios mais úteis de iluminação e assistência. Por causa deles meus pensamentos têm sido libertos de muitos embaraços (veja nota 59).

Seu objetivo em tudo que ele fazia era alcançar a mente de Cristo e refleti-la em seu comportamento. Isto significa que a busca por santidade sempre esteve ligada à busca por um verdadeiro conhecimento de Deus. É por isso que oração, estudo e meditação sempre estavam juntos.

Eu suponho... isto pode ser fixado como um princípio comum do Cristianismo; a saber, que a oração constante e fervorosa pela assistência divina do Espírito Santo, é um meio tão indispensável para... alcançarmos o conhecimento da mente de Deus nas Escrituras, de forma que sem ele, todos os outros meios de nada aproveitarão (veja nota 60).

Owen nos dá uma amostra deste esforço, de forma que ninguém pense, neste respeito, que ele estava acima da batalha. Ele escreveu a John Eliot, na Nova Inglaterra:

Reconheço a você que tenho um espírito seco e árido, e, de todo o coração, peço suas orações para que o Santo, sem importar-se com todas as minhas provocações pecaminosas, me dê água que venha do alto (veja nota 61).

Em outras palavras, as orações dos outros eram essenciais, não apenas as suas.

A fonte principal de tudo aquilo que Owen pregou e escreveu foi sua oração e “meditação assídua” na Escritura. O que nos leva ao quarto caminho que Owen seguiu para chegar a esta santidade em sua vida imensamente ocupada e prolífica.

### **Owen era autêntico em recomendar em público apenas o que vivia em particular.**

Um grande obstáculo à santidade no ministério da Palavra é que temos a tendência de pregar e escrever sem preocupar-nos com as coisas que dizemos e torná-las reais para as nossas próprias almas. Com o passar dos anos, as palavras começam a vir facilmente, e descobrimos que podemos falar de mistérios sem um sentimento de admiração; podemos falar de pureza sem nos sentirmos puros; podemos falar de zelo sem uma paixão espiritual; podemos falar da santidade de Deus sem termos temor; podemos falar do pecado sem tristeza; podemos falar do céu sem ardor. E o resultado disto é um terrível endurecimento da vida espiritual.

As palavras vinham facilmente para Owen, mas ele mantinha-se contra esta terrível doença da artificialidade e assegurava seu crescimento em santidade. Ele começava com a premissa: “Nossa felicidade não consiste em *conhecer* os assuntos do Evangelho, mas em *colocá-los em prática*” (veja nota 61). Fazer, não apenas conhecer, este era o objetivo de todos os seus estudos.

Como um caminho para este autêntico “fazer”, ele trabalhou para experimentar cada verdade que havia pregado. Ele disse:

Eu me encontro preso em consciência e em honra, sem nem mesmo imaginar que eu possa entender um conceito correto de qualquer artigo da verdade, e muito menos publicá-lo, a não ser que, por meio do Espírito Santo, eu tenha provado o sabor disto, em seu sentido espiritual, que eu possa ser capaz, de coração, a dizer como o salmista “eu cri, por isso falei” (veja nota 62).

Então, por exemplo, sua Exposição do Salmo 130 (320 páginas sobre oito versículos) é uma exposição não somente do Salmo, mas também do seu próprio coração. Andrew Thomson diz:

Quando Owen... abria o livro de Deus, ele abria, ao mesmo tempo, o livro de seu próprio coração e de sua própria história, e produzia um livro que... era rico em seus pensamentos dourados, e permeado com a experiência viva de alguém que falou sobre o que conhecia, e testificou daquilo que tinha visto (veja nota 63).

O mesmo biógrafo disse de *On The Grace and Duty of Being Spiritually Minded* [Sobre a Graça e o Dever de Ser Espiritualmente Orientado] (1681) que ele “primeiro pregou isto a seu próprio coração, e depois a uma congregação particular; o que nos revela a quase intocável e irrepreensível amostra do que Owen viveu nos últimos anos de sua peregrinação” (veja nota 64).

Esta era a convicção que controlava Owen:

Um homem pregará um sermão bem para os outros, somente se ele tiver pregado o mesmo em sua própria vida. E aquele que não se alimentou e nem teve sucesso na digestão do alimento que ele fornece para os outros, raramente fará com que eles o saboreiem; sim, ele não sabe, mas o alimento que ele fornece pode ter veneno, a menos que ele realmente o tenha provado por si mesmo. Se a palavra não habitar com poder *em* nós, ela não passará com poder *de* nós (veja nota 65);

Foi esta convicção que sustentou Owen em sua vida pública incrivelmente ocupada por controvérsias e conflitos. Ele nunca defendia uma verdade se primeiro não a tomasse profundamente em seu coração e alcançasse uma verdadeira experiência espiritual daquilo, para que não houvesse artificialidade no debate, nem uma mera encenação ou blefes. Ele esteve firme na batalha porque tinha experimentado a verdade ao nível pessoal dos frutos da santidade e sabia que Deus estava com ele. Esta é a forma como ele escreve no Prefácio de *The Mystery of the Gospel Vindicated* [O Mistério do Evangelho Vindicado] (1655):

Quando o coração é lançado realmente no molde da doutrina que a mente abraçou – quando a evidência e a necessidade da verdade habitam em nós – quando não apenas o sentido das palavras está em nossas cabeças, mas o sentido delas habitam em nossos corações – quando temos comunhão com Deus na doutrina que defendemos – então seremos guardados pela graça de Deus contra todos os assaltos dos homens (veja nota 66);

Esta, acredito, era a chave da vida e ministério de John Owen, tão aclamado pela santidade – “quando temos comunhão com Deus na doutrina que defendemos – então seremos guardados pela graça de Deus contra todos os assaltos dos homens”.

A última coisa que Owen estava fazendo quando o fim de sua vida chegou, foi comungar com Cristo numa obra que mais tarde seria publicada como *Meditations on the Glory of Christ* [Meditações sobre a Glória de Cristo]. Seu amigo William Payne estava o ajudando a editar a obra. Próximo do fim, Owen disse “Oh irmão Payne, o tão esperado dia é vindo finalmente, em que eu devo ver a glória de uma outra maneira que eu jamais fiz ou fui capaz de fazer neste mundo” (veja nota 67).

Mas Owen viu mais glória do que muito de nós vemos, e é por esta razão que ele foi conhecido por sua santidade, pois Paulo nos ensinou claramente, e Owen creu que “todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.”

### **Lição da Vida de Owen**

A principal lição que tiro deste estudo da vida e do pensamento de Owen é que, em todos os nossos empreendimentos e projetos, o principal objetivo para sua glória deve ser santidade ao Senhor. Os meios indispensáveis desta santidade é o cultivo de uma comunhão pessoal, profunda e autêntica com Deus – o significado pleno do qual eu deixo para ele lhes ensinar, a medida que vocês lêem suas obras (veja nota 68).



**Notas:**

1. Neste artigo todas as referências às obras de John Owen foram tiradas de *The Works of John Owen*, ed. William Goold, 23 volumes (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965, esta edição originalmente publicada em 1850-53). Os últimos 7 volumes são a *Exposition to the Epistle to the Hebrews*. O numeral romano se referirá ao volume nesta série, e o numeral arábico à página.
2. J. I. Packer, *A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life*, (Wheaton: Crossway Books, 1990), p. 11.
3. *A Quest for Godliness*, p. 81.
4. *A Quest for Godliness*, p. 12. A história é contada mais detalhadamente em John Owen, *Sin and Temptation*, condensado e editado por James M. Houston (Portland: Multnomah Press, 1983), introdução, pp. xxv-xxix.
5. *A Quest for Godliness*, p. 147.
6. Sinclair B. Ferguson, *John Owen on the Christian Life*, (Edinburgh: Banner of Truth, 1987), pp. x-xi.
7. Peter Toon, *God's Statesman: The Life and Work of John Owen*, (Exeter, Devon: Paternoster Press, 1971), p. 173.
8. Charles Bridge, *The Christian Ministry*, (Edinburgh: The Banner of Truth, 1967, originally published, 1830), p. 41.
9. Jonathan Edwards, *Religious Affections*, ed. por John E. Smith (New Haven: Yale University Press, 1959), p. 69. As frases de Owen em Edwards estão nas. 250f, 372f.
10. The Banner of Truth tem causado um pequeno renascimento de interesse por Owen, ao publicar suas obras reunidas em 23 volumes (sendo 7 deles o comentário massivo de Hebreus) mais um ou dois opúsculos.
11. *God's Statesman*, p. vii.
12. *God's Statesman*, p. 177.
13. *A Quest for Godliness*, p. 28.
14. J. I. Packer diz que o Puritanismo desenvolvido por Elizabeth, James e Charles floresceu no Interregno [década de 1640 e década de 1650], antes de fenecer no túnel obscuro da perseguição entre 1660 (Restauração) e 1689 (Tolerância). *A Quest For Godliness*, pp. 28f.
15. Works, XII, p. 224.
16. *God's Statesman*, p. 6.

17. Charles Spurgeon, *C. H. Spurgeon: Autobiography*, Vol. I, (Edinburgh: The Banner of Truth Trust: 1962), p. 87.
18. *God's Statesman*, p. 12f.
19. Andrew Thomson escreve, “Quase toda informação que desceu até nós com respeito a esta união [com Mary], das biografias mais antigas, resume-se nisso, — que a dama lhe gerou onze filhos, todos dos quais, exceto uma filha, morreram na tenra idade. Esta única filha se tornou a esposa de um cavalheiro galês, mas a união provando-se infeliz, ela ‘retornou para a sua família e para a causa do seu pai’, e logo após morreu de tuberculose” *Works* I, xxxiii. “Quando ela [Mary] morreu em 1676, [Owen] permaneceu viúvo por 18 meses e se casou com Dorothy D'Oyley. Seus exercícios pela aflição eram muito grandes com respeito aos seus filhos, nenhum dos quais ele desfrutou muito enquanto viveram, e viu todos eles deixarem este mundo antes dele” *Works* I, p. xcvi.
20. *A Religious Encyclopedia*, ed. por Philip Schaff, (New York: The Christian Literature Co., 1888) 3 vols. vol. 3, p. 1711.
21. *God's Statesman*, p. 54.
22. *God's Statesman*, p. 77f.
23. *Works*, I, p. lvii.
24. *A Discourse concerning Evangelical Love, Church Peace and Unity* (1672); *An Inquiry into the Original Nature .. and Communion of Evangelical Churches* (1681); e o texto clássico, *True Nature of a Gospel Church* (1689 posthumously).
25. *Works*, I, p. li.
26. *God's Statesman*, p. 132.
27. *God's Statesman*, p. 162. Veja a carta em Peter Toon, ed. *The Correspondence of John Owen* (1616-1683), (Cambridge: James Clarke and Co. Ltd., 1970), pp. 145-146.
28. *God's Statesman*, p. 157.
29. *The Correspondence of John Owen*, p. 171.
30. *Works*, XVI, 74.
31. *Works*, XVI, 74-75.
32. *God's Statesman*, p. 162.
33. *God's Statesman*, p. 161.
34. *God's Statesman*, p. 55.
35. *John Owen on the Christian Life*, p. xi. Itálicos adicionados. Veja a nota 52 abaixo.

36. *God's Statesman*, p. 78.
37. *God's Statesman*, p. 120.
38. *God's Statesman*, p. 41.
39. *God's Statesman*, p. 173.
40. *A Religious Encyclopedia*, vol. 2, p. 1712.
41. *Works*, I, p. lxxxiv.
42. *A Quest for Godliness*, p. 28.
43. *God's Statesman*, p. 95.
44. *Works*, I, p. lxxxix.
45. *The Correspondence of John Owen*, p. 154.
46. *God's Statesman*, p. 131.
47. *The Correspondence of John Owen*, p. 174.
48. *A Quest for Godliness*, p. 193.
49. *Works*, VII, p. 532.
50. *Works*, I, p. 44; cf. VI, pp. 64, 68.
51. *God's Statesman*, p. 175; *Works*, I, p. 275.
52. *Works*, I, p. lxiv-lxv.
53. *Works*, I, p. lxiv-lxv.
54. *A Quest for Godliness*, p. 215.
55. *God's Statesman*, p. 153.
56. *Works*, VII, 197f.
57. *Works*, I, p. 275.
58. *God's Statesman*, p. 168.
59. *Works*, I, p. lxxxv. Itálicos adicionados.
60. *Works*, IV, p. 203.

61. *Works*, XIV, p. 311.

62. *Works*, X, p. 488.

63. *Works*, I, p. lxxxiv.

64. *Works*, I, p. xcix-c.

65. *Works*, XVI, p. 76. Veja também sobre justificação p. 76.

66. *Works*, I, p. lxiii-lxiv.

67. *God's Statesman*, p. 171.

68. Com o objetivo de recomendação para alguém começar a ler Owen, eu sugeriria a seguinte lista sobre o fundamento de pertencerem aos seus livros especialmente influentes na doutrina ou especialmente inspiradores na prática.

Livros doutrinários que sugeriria:

*The Death of Death in the Death of Christ* (1647)

*The Doctrine of the Saint's Perseverance* (1654)

*A Discourse on the Holy Spirit* (1674)

*True Nature of the Gospel Church* (1689)

Livros práticos que sugeriria:

*Of the Mortification of Sin in Believers* (1656)

*Of Temptation: the Nature and Power of It* (1658)

*The Nature, Power, Deceit and Prevalency of Indwelling Sin* (1667)

*The Grace and Duty of Being Spiritually-minded* (1681)

*Meditations and Discourses on the Glory of Christ* (1684)

Original: <http://www.desiringgod.org/library/biographies/94owen.html>

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)

Cuiabá-MT, 25 de junho de 2005.